

SOBRE AS ANALÍTICAS MODERNAS E CONTEMPORÂNEAS ***Geraldo Pinheiro Machado**

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

O objetivo desta comunicação é apresentar indicações tendentes a tematizar o espírito analítico moderno e contemporâneo. Não é a filosofia analítica — ou as filosofias analíticas — o nosso assunto, quer se alinhem sob essa denominação Russell ou Wittgenstein, os autores do chamado Círculo de Viena ou atuais filósofos americanos como Quine ou alemães como Stegmüller ou brasileiros como Newton Costa ou Hegenberg. É a própria elaboração analítica que tenho em vista, a mentalidade analítica, a intenção analítica, ou ainda, numa categorização bastante apropriada, o discurso analítico. O desempenho analítico se constitui em modelos diversificados; constitui-se também de modelos diversificados — matemáticos, sociológicos, filosóficos (mas neste caso, na perspectiva que proponho, seria antes uma analítica filosófica do que uma filosofia analítica) de modelos religiosos, ou ideológicos ou políticos ou econômicos, isto é, modelos tomados propositadamente — para fins de análise — das diversas áreas de estudos. O dado que venho procurando estabelecer é que as analíticas se constituem num desempenho sincrônico isomórfico a estas áreas, como que secundando o desempenho das mesmas. Uma hipótese de trabalho é que tais analíticas se podem caracterizar como elaborações peculiares e que tendem a operar com certa autonomia mediante um estatuto próprio, que eventualmente poderia ser identificado e avaliado criticamente.

A tematização em questão faz parte da nossa prática acadêmica mais recente ao nível de pós-graduação na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, no Brasil.

O papel das analíticas, o papel do método analítico, no pensamento moderno e contemporâneo, efetivamente é relevante. Ele é relevante como característica deste pensamento; é relevante pela extensão inusitada que o esforço de decomposição, de desmembramento, de procura da parte menor representa em todo o universo da produção de idéias, quer no universo acadêmico propriamente, quer no universo da prática da sociedade. As elaborações verbais conexas com a prática da sociedade moderna, no que têm de intelectual, são eminentemente analíticas. A impressão que tenho é de que este dado — que a prática da sociedade moderna é eminentemente analítica — é de amplo consenso. Em todos os seus discursos a sociedade contemporânea não procede por elaborações totais, furta-se a

(*) Trabalho apresentado ao I Congresso Luso-Brasileiro de Filosofia, Braga, Portugal, fevereiro de 1981.

isso. Opera e se organiza na seqüência de análises de segmentos significativos ou eficazes.

Há a contrapartida, inclusive de um movimento de contra-análise, quase uma modalidade contemporânea de contracultura, que assume formas bastante diversificadas. Numa direção que se poderia chamar de popular, ou mais espontânea, tal contestação à análise tenderia a ver o esforço analítico como o grande mal do pensamento contemporâneo. Como um mal. Seria responsável por todas as grandes dificuldades, possivelmente por todos os impasses em que se encontra o pensamento atual aos olhos de alguns comentadores. Estaria ligada mesmo à insensibilidade ética subjacente ao tema do técnico e como tal “**neutro e objetivo**”, na observação de Carlos Lessa. “Esta ética, diz, está conjugada com a lobocotomia da análise”¹. Diversos documentos nas distintas áreas refletem uma atitude apreensiva atribuindo à análise a raiz de quase todas as dificuldades modernas. Ainda na área das ciências humanas chama a atenção, às vezes, o extremo distanciamento a que leva o esforço analítico em relação ao bom-senso e às informações correntes, de tal modo que tais análises acabam por servir, ou poder servir, de instrumentos para sustentações ideológicas com o criar-se uma linguagem ou um jargão a que a população não tem mais acesso (o “**economês**”, o “**sociologês**”, o “**psicologês**”, como é batizado, no Brasil, nos meios de comunicação de massa). Tal jargão, que oferece ao analista uma leitura fácil e pertinente, aparentemente esconderia o pensamento ao homem comum, ao invés de propô-lo. A linguagem da ciência passaria a ser, nesta versão uma linguagem efetivamente de ocultamento e, por aí, instrumento de dominação.

O próprio anedotário do mundo erudito da ciência registra sinais dessa contracultura. Sirva de exemplo a história do relógio parado, que o computador indica como superior ao relógio que atrasava meio segundo ao dia, porque o primeiro estaria marcando corretamente a hora duas vezes ao dia, ao passo que o segundo o faria apenas uma vez cada n dias... (O cálculo fica à conta do computador...)

Noutra direção o mesmo argumento aparece de maneira mais elaborada na constatação de que a tarefa analítica se encontra por trás da tendência de conhecer e saber mais e mais de menos e menos. A especialização seria uma exigência lógica do método analítico. A natureza mesma da análise leva à especialização, à multiplicação de segmentos elaborados e esta à **selva de livros**, como dizia Ortega Y Gasset². De fato, a determinado ponto deste esforço, nenhum homem tem mais condições de abarcar o conjunto das realizações já praticadas. E, então, sob este aspecto, à medida que se multiplicam as especialidades, em conseqüência da prática analítica, à medida em que a análise se sofisticava gradualmente, tendendo para pontos cada vez mais finos, mais específicos, vai deixando à margem (mas necessariamente) uma multidão de percepções, vai aparentemente, ou ao menos

no seu ângulo específico, perdendo a percepção global e conseqüentemente termina por estabelecer certa forma metódica de ignorância. Isto é, uma faixa enorme de ignorância acaba sendo criada necessariamente pelo esforço analítico. Será um conjunto imenso de coisas que se ignoram e se devem ignorar para praticar corretamente uma sistemática operacional intelectual que começa num determinado ponto do processo e termina noutro determinado ponto sem que efetivamente se comprometa com nenhuma totalidade, por princípio, por hipótese, por método. Sob este aspecto uma vasta ignorância pode ser o apanágio de um grande analista que, na sua área, porém se apresentará como insuperável, em face das últimas informações de que dispõe.

A outra face deste problema me faz também muita impressão. Noto a tendência também contemporânea, até certo ponto angustiada, da procura de uma re-união, uma espécie de aspiração, a meu ver, persistente no contexto contemporâneo a uma síntese ou a uma nova unidade do saber, aspiração que se manifesta de forma muito modesta — a única, porém, por enquanto aparentemente eficaz — na interdisciplinariedade no âmbito da vida acadêmica e da vida profissional.

Finalmente, outra observação que se pode formular a respeito do espírito analítico ou do método analítico é que ele se exercita ou pode exercitar-se ao lado da realidade, de tal modo, que pode tornar-se efetivamente um processo alienante no que diz respeito precisamente ao real. Esta observação é a mais séria e indica, de fato, um problema epistemológico relevante. Os modelos ideais de análise podem não ser advertidos como ideais, porém como reais.

Estas observações enfim me dizem, que se tivesse de escrever, hoje, um texto como **The Analyst**³ não seria a obscuridade do inocente cálculo do infinitamente pequeno o principal problema...

Não obstante isso — não obstante as observações acima e outras que se fazem a respeito da analítica e a respeito do método analítico e da sua influência no conjunto do pensamento humano, quando se torna hegemônico, preponderante, quase exclusivo — é, para mim, uma evidência que o esforço analítico, a tarefa analítica, é efetivamente a condição do desenvolvimento e do acréscimo do saber. É, a meu ver, ainda a forma de conhecimento mais possível de colocar-se sob o controle crítico do homem. Neste sentido parece-me que quer a filosofia, quer a ciência, quer a **práxis** por elas informadas na sociedade humana postulam as analíticas e o processo analítico sob pena de perder a identidade e de imobilizar-se.

Toda visão global conceptualizada esbarra inevitavelmente, a certo momento, com inadequações na leitura da realidade. Neste passo, o risco é substituir um conceito global por outro igualmente global, prolongando o processo. É a prática de uma substituição. Ao contrário, a analítica abre pistas de soluções e oportunidade de amadurecimento dos mode-

los. A intuição desta situação estaria talvez subjacente aos diversos momentos em que o pensamento moderno cria um não-homem (uma estátua — Condillac, Descartes, Galileu), recorrendo (intuitivamente ainda) a um sistema binário de análise, como observei noutra lugar⁴.

A analítica moderna por excelência é, sem dúvida, a analítica matemática. É o instrumental privilegiado do pensamento moderno e sob este aspecto é... bem moderno. A experiência antiga nesta perspectiva será bastante restrita. A clássica admiração de Platão pela matemática aparece como modesta devoção do filósofo se a compararmos com o que a matemática passou a representar no pensamento moderno. Não se pode dizer porém de modo categórico e absoluto que a ciência antiga não conhecia a experiência analítica⁵. Possivelmente o confronto entre ciência antiga e ciência moderna, bem como entre analítica antiga e analítica moderna, permitirá trazer alguma elucidação a este ponto. Podem estabelecer-se dois parâmetros na comparação de ciência antiga e ciência moderna, ambos levando a distinguir na verdade filosofia e ciência. Um primeiro parâmetro é dado por um fato a que não se tem atribuído a devida atenção, a saber, que a primeira formulação elaborada da categoria de ciência processou-se no âmbito da filosofia. Se **episteme** já indicava no pensamento espontâneo, portanto na linguagem corrente da Grécia antiga, um conhecimento **diferenciado**, como se pode entrever nas etimologias de Crátilo⁶, a tipificação desse diferencial porém se dá de forma elaborada por primeiro na filosofia. Pode documentar-se, por exemplo, em Aristóteles, **Analytica Posteriora**, I, 2 (71b 10-15). Neste modelo aristotélico ciência é entendida como conhecimento pela causa própria. Neste caso filosofia não só é ciência, mas tenderia mesmo a ser vista como a ciência por excelência.

Outro parâmetro é dado pela reelaboração histórica da categoria de ciência, que já se documenta perfeitamente no século XVII⁷. O movimento científico moderno procedeu paulatinamente a essa reelaboração. Ciência não continuou sendo definidora de filosofia, apesar do desentendimento de Galileu, que a tomava como nova filosofia e da tentativa cartesiana de situar a ciência em continuidade com a filosofia, na célebre imagem da árvore e dos ramos. Como autor que sempre deve ser questionado em filosofia por ser às vezes pouco filósofo, deslumbrado pelo nascente projeto científico, Descartes entendeu que as ciências são algo que brotam da metafísica como tronco e ramos brotam das raízes, numa robusta árvore⁸. Alguns contemporâneos nossos por vezes endurecem a imagem no sentido de entender que a ciência saiu da filosofia⁹. Não precisa fazer concessão alguma ao positivismo para verificar que não corresponde a uma concepção consistente nem mesmo a uma intuição muito profunda, esta metáfora de **sair**. O bom-senso evidencia que não pode ter saído da Filosofia o que lá não estava (Física, Psicologia etc., integrantes do corpo científico contemporâneo): e que não pode ter saído de lá o que ainda lá se encontra, por exemplo, a Filosofia da Natureza, ou Cosmologia, proposta

por algumas correntes vigentes contemporaneamente, tomando como referência a indagação especulativa da *physis* antiga, ou a Psicologia Filosófica e, mais recentemente, a Antropologia Filosófica que, em muitos autores, toma como referência na antigüidade o tipo de *istória* de *peri-psyches*.

Na verdade, a ciência amadurecida na antigüidade se dirá filosofia e a analítica que se quiser procurar na antigüidade integrando o corpo científico deverá ser pensada também na linha da filosofia. A experiência analítica da ciência antiga, portanto será preponderantemente a experiência analítica da filosofia antiga. Uma das elaborações que possivelmente pode referir-se são as Analíticas (*Priora e Posteriora*) de Aristóteles, já citadas acima. Inclusive a própria designação analítica é de Aristóteles, conforme a lição de Ross¹⁰. A analítica que este caso documenta, consiste em estabelecer, através da análise do raciocínio, a passagem do dialético ao apodítico, do silogismo de premissas consentidas para o silogismo de premissas necessárias, silogismo demonstrativo, **silogismo epistêmico**, o qual neste modelo constitui ele próprio a ciência, como nota Tricot¹¹.

Se atentarmos porém para a outra comparação, já não entre ciência antiga e ciência moderna, e si entre analíticas antiga e moderna, seremos talvez levados a admitir que analítica antiga e analítica moderna oferecem uma continuidade maior do que ciência antiga e ciência moderna, do que filosofia e ciência. A tarefa analítica se define no pensamento moderno em continuidade com o pensamento antigo não em ruptura, e, de fato, parece em continuidade, ao contrário da ciência antiga e moderna.

A referência documental inicial para a definição moderna é, sem hesitação, o **Discurso sobre o Método** de Descartes. A evidência desta referência documental decorre da circunstância de que Descartes neste texto, justamente célebre, ao mesmo tempo procurou estabelecer o método analítico para filosofia, e não apenas para a ciência, como também delineou a fundamentação filosófica para qualquer analítica no tema da idéia clara e distinta. Do mesmo passo que estrutura um método analítico, cujo itinerário de aceitação no pensamento moderno seria invejável, Descartes no **Discurso** fundamenta tal proposta numa teoria igualmente bastante versada nos séculos seguintes. O método e seu critério filosófico — eis a formidável força desse opúsculo. Assim o **Discurso sobre o Método** parece ser o verdadeiro estatuto das analíticas modernas e contemporâneas.

Pode haver tendência a considerar que o método do **Discurso** diz respeito primordialmente à ciência. Ele vem à testa de três outros documentos de propósito científico — A Dióptrica, Os Meteoros, a Geometria — dos quais o autor diz "qui sont des essais de cette méthode"¹². A interpretação mais autorizada, a meu ver, é a que o entende como a proposta de um método universal¹³.

O fato que se pode estabelecer é que a estrutura do **Discurso** permite identificar, entre outras, três ordens de tratativas diferenciadas: as relativas ao problema da existência de Deus (e da alma), ao da moral e ao da reforma do estado.

Na verdade, a prova da existência de Deus é o primeiro grande ensaio (com êxito na opinião de Descartes) para estabelecer a validade do método¹⁴. Ora, o problema da existência de Deus é eminentemente filosófico. Quase poderia dizer-se que tal problema veio mesmo a constituir o **resto** filosófico, numa linguagem bíblica, ou o **espólio** filosófico, numa linguagem jurídica, nos primeiros séculos modernos, em face do evento da ciência. Sem embargo dos problemas epistemológicos implicados numa tratativa analítica do problema da existência de Deus¹⁵ — é evidente, não obstante, que o **Discurso sobre o Método** tenta traçar o caminho de uma analítica filosófica.

No que refere às duas outras ordens de tratativa que mencionei, a moral pessoal e a reforma do estado, o **Discurso** consigna duas atitudes distintas: quanto à moral, o propositor da analítica prefere uma provisória, guardando os princípios e critérios que recebera ao longo da formação juvenil e na convivência adulta, até obter novos dados pelo processo novo que se propunha¹⁶. Em relação à reforma do estado o nosso autor não aprova, absolutamente os que não tendo o encargo dos negócios públicos, fazem reformas com idéias¹⁷. Se nos seus escritos, diz, se encontrasse a menor coisa que o pudesse tornar suspeito dessa loucura, consideraria lastimável a publicação deles¹⁸.

Ora, esta atitude do analista do século XVII não foi a tônica dos séculos futuros, particularmente não o é dos analistas dos séculos XIX e XX. Vem-me a forte sugestão, neste passo, de alinhar nesta seqüência a temática contemporânea da ideologia. Não é despropositado diante desse tema — ideologia — pensar de novo neste mesmo **Discurso** cartesiano que supunha tão nítida hegemonia das idéias e que, possivelmente bem podia figurar na cabeceira da temática moderna das idéias, como os diálogos de Platão na da antiga. Este caminho passa de novo pelos grandes autores modernos do Ocidente, mas é no quadro da velha **réflexion française** que se configura a certa altura a primeira **logia** das idéias, que se implanta propriamente o tema da ideologia. No registro alemão, o tema da ideologia ganha significado e impulsos novos. De Destutt de Tracy a Marx, não há propriamente descontinuidade do tema da ideologia. Esta se verifica na inflexão marxista¹⁹.

Ora, neste momento — em Marx — ao contrário do Descartes da Segunda Parte do **Discurso**, o propósito é a transformação social e, principalmente, do estado. Nele a ideologia é entendida como o instrumento de ocultamento das relações sociais, em particular das relações de produção. Nos analistas posteriores, marxistas, antimarxistas e amarxistas,

bem como nas correntes explicitamente abertas à temática social, como o positivismo na linha conservadora ou o tomismo na linha cristã, a ideologia irá gradualmente oferecendo modelos que perfazem, a meu ver, outra etapa do problema analítico, particularmente fecunda em documentos e importante nestas décadas de 60 – 70, responsável talvez pela maior parte da produção de idéias no meu país nos últimos cinco anos, em todas as áreas das ciências humanas.

A evidência procurada seria do seguinte teor. Tornando-se um processo privilegiado e afinal hegemônico na ciência da natureza, o método analítico criou novos espaços no pensamento moderno aplicando-se já não só às idéias mas a porções do real — sempre através de modelos ideais — como a elementos dos corpos naturais na análise química; a formação da psiquê, na análise freudiana e subseqüentes etc. A nova etapa analítica pensada acima — surgida do propósito de transformação metódica do mundo (social) e dinamizada pela temática da ideologia — estaria a dirigir-se a formações sociais — às relações sociais — à procura dos elementos do real social.

NOTAS

- (1) Lessa, Carlos. **O Conceito de Política Econômica: Ciência e ou Ideologia?** Tese de Doutorado. Campinas (Brasil), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1976, p. 25. (Mimeografado).
- (2) Ortega Y Gasset, J. **El Libro de las Misiones**. 5ª ed., Buenos Aires, Espasa-Calpe, 1950, p. 39.
- (3) Berkeley. **The Analyst**, 1734.
- (4) Pinheiro Machado, Geraldo. Sobre um Texto de Galileu (A hipótese de Galileu e o Tema da criatividade). Em: **Filosofia e Desenvolvimento** (Atas da III Semana Internacional de Filosofia, Salvador, Brasil, 1976). Rio, Sociedade Brasileira de Filósofos Católicos, 1977, p. 480.
- (5) Becker, Oskar. **O Pensamento Matemático** (sua grandeza e seus limites). Trad. H. A. Simon. São Paulo, Herder, 1965, pp. 31 – 32.
- (6) Platão. **Crátilo**, 412 a e 437 a.
- (7) Por ex. em **Il Saggiatore** (Galileu), **O Discurso sobre o Método** (Descartes), **Novo Organon** (Fr. Bacon), todos da primeira metade do seiscentos.
- (8) Descartes. **Les Principes de la Philosophie**. Lettre de l'auteur (...), Em: **Oeuvres et Lettres** (Textes présentés para André Bridoux). Paris, Gallimard, 1970 (La Pléiade), p. 566.
- (9) Piaget, por exemplo, tem a firme convicção que "certo número de ramos inicialmente filosóficos (...) se constituem (hoje) em disciplinas autônomas e especializadas". Cf. **A Situação das Ciências do Homem no Sistema das Ciências**. Trad. Isabel Cardigos dos Reis. 2ª ed., Lisboa, Bertrand, 1973, p. 29.
- (10) Ross, W. D. **Aristotle's Prior and Posterior Analytics**. A revised text with introduction and commentary by... Oxford, Clarendon Press, 1949, p. 1.
- (11) Tricot, J. Em: **Aristote, Organon, IV, Les Secondes Analytiques**, Nouvelle traduction et notes par... Paris, Vrin, 1947, p. 8.
- (12) Descartes. **Oeuvres** (...) ed Pléiade cit., p. 125. Como nota o comentador de uma das edições brasileiras "não se deve esquecer que a obra constitui apenas uma

introdução, que perde muito do seu sentido, quando separada dos três ensaios que ela antecede". cf. Descartes, **Obra Escolhida**. Introdução de Gilles-Gaston Granger. Prefácio e notas de Gérard Lebrun. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Junior. 2ª ed., São Paulo, 1973, Difusão Européia do Livro, p. 39, nota 1 de rodapé. O comentador da edição Larousse (Descartes, **Ouvres Scientifiques** (Extraits). Marc Oraison. Paris, Larousse, 1951) endurece a formulação: "Il faut rappeler que le fameux Discours ne voulait être et n'est enfin de compte qu'une Preface à des traités scientifiques" (Cf. p. 7).

(13) Como Granger, por ex. Cf. edição brasileira citada (nota 12 acima), Introdução.

(14) **Discurso** 4ª parte. Ed. Pléiade citada, p. 147 — 152.

(15) Cf. Fernand Van Steenberghen. **Deus Oculto** (como sabemos que Deus existe ?). Trad. Nuno de Bragança. Morais, Lisboa, 1963, p. 25 — 26. Na verdade, todo o aparato analítico em torno da idéia de Deus só é uma imensa e profunda riqueza porque Deus existe.

(16) **Discurso** 3ª parte, ed. Pléiade citada, p. 140 — 141.

(17) Idem, 2ª parte, p. 135.

(18) Ibidem.

(19) Para o tema da ideologia, o período pré-marxista aparentemente se documenta bem no tratado da Ideologia Pura de Balmes, que tem a vantagem de ser um documento tardio neste processo (1847), contemporâneo de Marx, sem refletir-lhe a perspectiva. Cf. J. Balmes, **Obras Completas**. Tomo III. Filosofia Elemental y El Criterio. Madrid, BAC, 1948, p. 243 — 294. (Há uma edição brasileira do tratado em separado, **Ideologia**. Trad. J. Moura, São Paulo, Moderna, 1958, 129 + 2 p.). Esta referência documental é tanto mais útil ao nosso assunto, quanto Balmes propõe-se a empregar o método analítico (p. 195 da edição BAC citada), que prefere, embora o considere mais difícil (Ibid.).